

NAVEGANDO POR MARES AINDA DESCONHECIDOS: PERCEPÇÃO DA MASCULINIDADE POR UNIVERSITÁRIOS DE VIÑA DEL MAR (CHILE) E CUIABÁ (BRASIL)

Resultado de investigação finalizada

GT11: Gênero, Desigualdade e Cidadania

Neuza Cristina Gomes da Costa

Resumo

O estudo teve como objetivo desvendar as formas como a masculinidade é percebida por homens a partir de um universo específico de estudantes universitários do Brasil (Cuiabá) e do Chile (Viña del mar). Foi realizada uma análise qualitativa de dados obtidos através de entrevistas individuais e em pequenos grupos. O universo contatado compreendeu 52 indivíduos do sexo masculino na faixa etária de 17 a 35 anos que cursavam ensino superior em universidades privadas nas cidades de estudo. Investigou-se a definição de masculinidade e relação “sexo, gênero e sexualidade”. De uma forma geral, os resultados demonstram que a masculinidade é um capital simbólico herdado pelo sexo, mas que deve ser constantemente afirmado e mantido nas relações de poder entre os gêneros.

Palavras-chaves: gênero; masculinidade; sexualidade.

1. Tecendo um debate

Os estudos sobre gênero ganharam dimensão nas últimas décadas, mas a problemática é de origem antiga. Compreender gênero e diferença sexual é fundamental para desenvolver uma concepção ampliada dos seres humanos e as desigualdades sociais entre o feminino e o masculino. Os estudos foram impulsionados pelos movimentos feministas na década de 1970, com a busca da compreensão e origem das desigualdades e hierarquias estabelecidas entre homem e mulher, fazendo emergir essa nova categoria de análise, que busca explicar as diferenças não pela anatomia, mas pela simbolização que as sociedades e suas culturas fazem dela.

Nesse contexto, esse estudo trata da temática de gênero, porém, com a especificidade de estudar a masculinidade, na busca de maior compreensão sobre o significado de ser homem e as relações de poder que envolvem o masculino e o feminino.

O interesse pelo tema de estudo surgiu durante uma viagem à Buenos Aires e Mendoza na Argentina e Viña Del Mar no Chile, a partir da observação de algumas práticas e atitudes de homens consideradas semelhantes às práticas vivenciadas por homens no Brasil, principalmente, em Cuiabá (Mato Grosso).

A percepção das semelhanças e diferenças, observadas (relativas) mesmo que em pouco tempo e em diferente intensidade foi suficiente para despertar a curiosidade científica sobre a masculinidade. Neste sentido, alguns questionamentos orientaram o caminho percorrido: qual a percepção de masculino para estes homens? Há diferenças de percepções entre os homens pesquisados no Brasil e no Chile? Mesmo com diferenças, há um modelo hegemônico de masculinidade? A ideologia da dominação masculina é o modelo hegemônico de masculinidade? Os homens percebem-se como gênero superior? Quais os atributos que caracterizam um homem?

Ao levantar referências bibliográficas sobre a temática de gênero, verificam-se muitos estudos acerca do gênero feminino, principalmente, estudos que retratam a “subordinação” feminina na história

das sociedades e as lutas feministas que ocorreram no último século. Mas ainda há poucos estudos do gênero masculino, embora se observe um aumento nas últimas duas décadas.

Daniel Welzer-Lang (2004) descreve que os homens e o masculino raramente são contextualizados numa problemática de gênero, sendo necessário analisar as relações que ligam os homens às relações sociais de sexo. Para estudar os homens é necessária a compreensão dos efeitos das relações sociais de sexo nas representações e práticas masculinas.

Robert W. Connell (1995) em seu artigo sobre “Políticas da masculinidade” descreve que nos anos 1970 aconteceram Movimentos de Liberação das Mulheres, de Liberação dos Gays e de Liberação dos homens que reconheceram a categoria de gênero e sua historicidade, colaborando para uma mudança de pensamento. Surgem discussões sobre o gênero masculino, difusão da ideia de uma crise da masculinidade ou crise do modelo hegemônico do ser homem, que estimularia mudança e o fim desta masculinidade. O autor não compartilha do pensamento da crise masculina, afirma que o fim do modelo hegemônico não ocorreu, mas que as mudanças de pensamento tornaram os homens mais sofisticados, além da divulgação de um novo objeto de estudo: o gênero.

Sérgio Gomes da Silva (2000) no seu artigo sobre “Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos” faz alusão a essa crise de masculinidade e afirma que há uma crise do homem contemporâneo, que estaria colocado em “xeque” pela perda da noção de sua identidade, especialmente pelos movimentos feministas e a emergência do movimento homossexual nas últimas décadas.

Maria Luiza Heilborn e Sérgio Carrara, pioneiros nos estudos de gênero no Brasil, escreveram um Dossiê em 1998, “Em cena, os homens”, no qual afirmaram que os homens estão buscando refazer sua identidade de gênero frente à perda de vários atributos que definem a masculinidade hegemônica. Crise, ao menos no mundo ocidental, que questiona:

“o modelo de homem burguês bem comportado, cumpridor de seus deveres para com a família e o Estado, com a forma tensa do modelo romântico do aventureiro solitário, avesso aos laços familiares e pronto tanto para as agruras dos campos de batalha, quanto para as delícias dos bordéis e dos bares”. (p. 4).

Crise da masculinidade ou não, verifica-se representações sobre o que é ser homem na sociedade. Mesmo diante de um modelo hegemônico, há formas diferenciadas de comportamentos e atitudes dos homens. São práticas permeadas por relações de poder que ainda levam a desigualdades de gênero, discriminação, preconceitos e violências.

Para o autor Willian Tito Maia Santos (2007, p. 136) “não existe uma ideologia masculina linear e igual em todo o mundo. Existe uma abundância etnográfica e cultural no planeta que nos permite inferir vários tipos de ideologias masculinas”. O autor argumenta que pode até existir uma forma de masculinidade hegemônica, mas que existem outros tipos de masculinidade dentro desta forma.

A representação sobre o masculino deriva de uma construção cultural e social, e como existem intensas diferenças culturais, as crenças e representações sobre o que é ser homem e o que é ser mulher variam bastante. Neste sentido, fala-se sobre masculinidades (Connell, 1998; Santos, 2007).

Considerando a pluralidade da masculinidade, tem-se que esta é uma construção social e cultural, que varia de um lugar a outro, mas que possui uma matriz originária. A característica da dominação seria a base dessa matriz, fazendo-se presente na sociedade ocidental, mas de forma heterogênea que varia conforme o espaço e tempo.

Neste contexto, pretendeu-se com essa pesquisa desvendar as formas como a masculinidade é percebida e praticada pelos homens a partir de um universo específico de estudantes universitários. No sentido de Welzer-Lang (2004) conhecer os efeitos das relações sociais de sexo na representação e nas

práticas masculinas a partir do que os homens pensam acerca de si e do conhecimento, além da identificação e análise dos atributos que caracterizam o gênero enquanto masculino.

2. Metodologia

Para o alcance dos objetivos foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, com utilização da entrevista aberta como instrumento de coleta de dados.

Procurou-se um grupo social similar entre os dois países para poder realizar uma comparação, daí a escolha de estudar estudantes universitários. O estudo foi realizado em universidades privadas de Viña Del Mar e Cuiabá. O universo da pesquisa compreendeu 52 indivíduos do sexo masculino na faixa etária de 17 a 35 anos, sendo 26 em Viña del Mar e 26 em Cuiabá.

A coleta de dados foi realizada no mês de fevereiro em Viña del Mar e em março em Cuiabá, no ano de 2011. A escolha dos sujeitos aconteceu de forma aleatória, independente da idade e buscou-se a inclusão de universitários de diferentes cursos, a fim de perceber diferenças de autopercepção e percepções. Os sujeitos foram abordados na universidade de estudo (corredores, cantina, biblioteca).

Os participantes da pesquisa foram abordados pela pesquisadora, que se identificou, explicou objetivos do estudo e propôs a participação na pesquisa, com destaque da importância da participação e a garantia do anonimato. Após a concordância, foi solicitado a leitura e a assinatura de um termo de esclarecimento e consentimento. As entrevistas foram gravadas com consentimento do sujeito.

A pergunta inicial da entrevista foi sobre a concepção de homem: “o que é ser homem?”, a partir desta questão surgiram outras como, concepção de mulher, atributos de masculinidade, sexualidade, planos para o futuro, como constituição de família, atividades esportivas e de lazer que praticam. Algumas dessas questões foram instigadas pela pesquisadora e outras foram tratadas pelos próprios entrevistados.

O limite para encerramento das entrevistas deu-se pelo critério de saturação, ou seja, pela repetição das respostas. Segundo Minayo (2010, p. 197/198) entende-se por critério de saturação, “o conhecimento formado pelo pesquisador, no campo, de que conseguiu compreender a lógica interna do grupo ou da coletividade em estudo”.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e analisadas pela hermenêutica dialética. Algumas palavras em espanhol não foram entendidas durante a transcrição, estas foram revistas por uma pessoa que possui domínio da língua. As falas dos entrevistados de Viña del Mar foram codificadas em pela letra V, V1, V2 até V26, as dos cuiabanos pela letra C, C1, C2 até C26.

3. Resultados e discussão

Apesar das especificidades culturais referentes aos locais de estudo, as respostas apresentaram convergências nas percepções dos estudantes sobre o que seria a definição de homem. Os dois grupos apontaram atributos ou papéis sociais semelhantes, incluindo termos iguais para referir a masculinidade.

As respostas sobre “ser homem” foram organizadas em categorias: 1) ser homem relacionado ao biológico, ou seja, ao sexo; 2) relacionada aos atributos do gênero, mesmo que para alguns este seja relacionado com o sexo 3) ser homem relacionado com a orientação sexual do indivíduo.

A Masculinidade pelo sexo

Nesta categoria, os estudantes remetem o “ser homem” as características físicas e biológicas do indivíduo, numa relação de determinação do gênero pelo sexo. Como pode ser observado nas falas abaixo:

Ser homem é um conjunto de coisas que parte do biológico (V8).

Ser homem envolve o físico, ter cabelo, barba... Homem que se depila não é um homem, por exemplo. (risos). É ser forte fisicamente” (V10).

Até onde eu sei, é pelo lado biológico, é o corpo, são os hormônios [...] (V14).

É o que está no meio das pernas (risos) (C8).

[...] Nasceu homem, é sexo masculino, tem que fazer o que rege o sexo masculino, isto desde o nascimento (C15).

Destacam-se duas falas para análise. Na primeira, o estudante denominado V10 aponta traços referentes ao corpo biológico (cabelo, barba) e um item de marca masculina: o corpo forte que indica virilidade. Na outra fala, embora implícito, o C8 refere ao pênis, ou ao *falo*, órgão genitor masculino. A fala foi concomitante com um gesto das mãos que simboliza o tamanho. Destaca-se que o termo utilizado (“meio das pernas”) possui um sentido pejorativo, ao mesmo tempo irônico, na tentativa de demonstração de virilidade.

Como apontam os autores Scott (1995), Beauvoir (1949), Connell (1995), e Bourdieu (2010), as percepções de masculinidade a partir do biológico não são naturais, são resultantes de uma construção social. Sexo e gênero, construções sociais e históricas que legitimam relações hierárquicas entre homens e mulheres.

Maria Teresa Citeli (2001) em seu ensaio “Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento” destaca que os novos conhecimentos científicos, especialmente da medicina, passam a legitimar as diferenças entre homens e mulheres. A legitimação acontece com base em discursos das ciências biológicas sobre os corpos. Estes discursos denunciam o determinismo biológico, teorias que explicam comportamentos, capacidades, padrões cognitivos, sexualidade, através de limites ou privilégios inscritos na constituição biológica. Deste determinismo nasceram teorias redutivistas com argumentos racistas e sexistas, com ênfase nas diferenças.

O órgão genitor masculino ou o *falo* será a justificativa mais visível das diferenças entre os sexos. Várias são as correntes de pensamento que utilizam esta variável para justificar a formação das identidades de gênero e explicar as diferenças.

Sigmund Freud, considerado “pai” da psicanálise, demonstra na teoria do complexo de Édipo que o *falo* é o responsável pela construção da identidade nos meninos e meninas. Como Beauvoir (1949) aponta, Freud irá colocar em foco um fato cuja importância, antes dele, não se havia reconhecido. O *falo* irá exprimir todo um conjunto de caráter e da situação de virilidade. A mulher por não tê-lo é considerada um “homem mutilado” e irá invejá-lo pelo símbolo dos privilégios concedidos aos homens.

O psicanalista Jacques Lacan, como descreve Scott, também considera o *falo* como um elemento de masculinidade. Partindo dos pressupostos de Freud, influenciou uma corrente teórica a fim de explicar a construção da identidade de gênero nesta perspectiva. A posse do *falo* levaria a representações de potência e força e permite ao homem ser portador da lei simbólica de superioridade (Scott, 1995; Machado, 2005, Butler, 2008).

Neste sentido, Bourdieu (2010) descreve que esta diferença biológica entre o corpo masculino e feminino justifica de forma “natural” a diferença que é construída socialmente entre os gêneros. As diferenças visíveis entre os órgãos sexuais masculinos e femininos são uma construção social que encontra seus princípios, nos princípios de divisão da razão androcêntrica. O *falo*, o órgão valorizado, naturaliza as relações de poder existente entre os sexos.

O *falo* representa a masculinidade, poder simbólico que legitima as diferenças entre os sexos. O *falo* não é só teoria, mas também está nos discursos. Esta “vantagem” anatômica irá funcionar como um “troféu” que garantirá os privilégios aos homens e sua superioridade em relação às mulheres.

Mesmo tendo sido apenas um universitário que fez a referência direta a este dado (C8), a fala traz uma representação social da masculinidade que conduz a práticas sociais.

Como exposto por este grupo de universitários o significado de ser homem estaria ligado ao fato de nascer biologicamente do sexo masculino e demonstrar neste corpo a masculinidade. Ser portador do *falo* como indicativo na direção dos comportamentos sociais de homem.

A masculinidade além do sexo

Nesta relação há o acréscimo dos atributos de gênero ao biológico, representada pelos deveres do “macho” na sociedade. Além de fazerem referências ao determinismo biológico, os estudantes apresentam um conjunto de atributos, papéis e expectativas que devem cumprir enquanto “homem”. Assim, a masculinidade é percebida como relacionada ao sexo, mas vai além da dimensão biológica. Identifica-se a socialização do indivíduo, a construção social da masculinidade.

Destaca-se que os estudantes de Viña del Mar fizeram maior atribuição ao biológico do que os estudantes de Cuiabá.

Ser homem está relacionado ao biológico, mas também ao social, aos costumes, a forma de ser (V3).

Homem é um ser humano, biológico, mas com capacidades adquiridas, que aprende com a vida, vai se construindo (V11).

Ser homem está relacionado com o modelo de vestir, de se comportar, ao modo de tratar uma mulher, de conversar (C4).

Neste sentido, os homens possuem atributos, exercem papéis e devem cumprir um *roll* de expectativas diante da sociedade, para que sejam de fato um homem. A masculinidade, um capital herdado, deve ser aprendida, construída e mantida.

Eu acho assim, é um conjunto de coisas, um conjunto de atributos que fazem o homem ser um homem. [...] conforme a evolução, você vai sendo moldado, então vai adquirindo características, você vai perdendo outras características e você vai evoluindo. Não tem como definir o homem em três ou quatro palavras, porque é um conjunto de características que vai formar um homem (C14).

Um dos atributos citado por todos os universitários para definir um homem foi a responsabilidade: “Ser maduro, ser responsável” (V13); “Homem é responsabilidade” (C13).

Ser responsável, segundo o dicionário Aurélio, corresponde à pessoa que deve cuidar de algo ou alguém, ou deve realizar certa tarefa, obrigado a se justificar a outras pessoas ou à sociedade suas próprias ações ou de outrem. Ou ainda, a pessoa que busca cumprir suas obrigações ou deveres. Nesse sentido, mas com enfoques específicos, os estudantes, de ambos os grupos, afirmaram que responsabilidade é um atributo da masculinidade.

Os universitários de ambos os grupos fizeram a relação entre responsabilidade e o provimento de uma família. Para os chilenos, a responsabilidade está vinculada, sobretudo no cuidado da mulher, no sentido de serem carinhosos e gentis. Destaca-se que na afirmação deste cuidado, alguns estudantes foram enfáticos, às vezes pausando a fala, suavizando, num sentido do próprio cuidado.

A responsabilidade para os universitários de Cuiabá teve maior sentido no cumprimento de obrigações ou deveres. Neste conjunto, a responsabilidade em prover financeiramente uma família. O provimento relacionado ao trabalho. O trabalho teve maior enfoque por aqueles que não trabalhavam, dedicando-se apenas aos estudos. Estes se consideraram homens em formação. O referencial seria o adulto, o trabalhador, responsável em prover um lar ou de se sustentar sozinho.

A referência de “homem em formação” e este tipo de relação com o trabalho não foi percebida em Viña del Mar. Talvez pelo fato de que 70% dos estudantes chilenos trabalhavam, sendo os responsáveis pelo pagamento da universidade de estudo. Entre os estudantes cuiabanos, 40%

trabalhavam. Um número considerável cursava medicina e fisioterapia, cursos de alto custo financeiro e de oferta integral.

Mas não basta apenas ser responsável e trabalhar, o respeito também deve permear as atitudes de um homem. De certa forma, o significado de ser responsável está ligado ao respeito, à medida que o homem deve cumprir um conjunto de obrigações em relação à sociedade e justificar os seus atos.

Identificou-se também o atributo da objetividade: “ser objetivo”; “saber o que quer”. Ser objetivo é a pessoa que “vai direto ao ponto”, ou seja, é prática, positiva. Além de ser objetivo, o homem também é racional (dicionário Aurélio). Objetividade e racionalidade como atributos que estão associados. Observa-se nas falas:

O distanciamento com o emocional pode ser percebido pelo trecho da fala do C1 “não pode demonstrar suas fraquezas, mesmo que sofra com isto”. O homem deve buscar agir pela razão e não pela emoção. Esta ênfase foi maior no grupo de Cuiabá. Em contrapartida, em Viña del Mar, buscaram conciliação da racionalidade com a emoção. Emoção como o “lado feminino” do homem, correspondente às expressões de carinho, amor e afeto. Os chilenos demonstraram maior importância aos relacionamentos pessoais e a necessidade de serem gentis e atenciosos com as mulheres: “O homem tem um papel importante, porque é o sexo forte, então tem que conciliar a fortaleza, com carinho, ser um pouco amável”. (V19).

Além de ser responsável, respeitoso, objetivo, racional, realista, o homem possui poder. Destaca-se a fala do estudante C12 ao responder a pergunta sobre o que seria um homem: “essa pergunta (pausa) o que eu posso dizer (pausa). Ser homem é ser tudo né cara! (risos) É ter liberdade, é ter poder”.

A fala reproduz a ideologia da dominação masculina de que o homem é o sexo forte, poderoso e dominante. A expressão do entrevistado ao falar, os risos, o tom da voz, demonstram aquilo que Bourdieu (2010), descreve do que se espera de um homem: que seja viril, objetivo, sem desvios, enfrenta e olha no rosto daquele que quer acolher ou daquele a quem se dirige.

Enfim, a discussão realizada nesta categoria é fundamental para compreender os atributos de masculinidade percebidos pelos entrevistados. Considera-se que a masculinidade é um capital simbólico herdado, mas que precisa ser constantemente conquistado e mantido. Capital simbólico que permeia relações de poder e garante ao homem alguns privilégios na sociedade. Mas também pode desencadear conflitos e sofrimentos.

Os universitários descreveram atributos inscritos na estrutura social de como é um homem. Em sua maioria, demonstram orgulho em ser um homem, pois a masculinidade está ligada a grandeza e a fortaleza. Mas ser forte não é tão fácil assim. Exige esforços constantes. Percebe-se o sentimento de inferioridade, de exclusão e até de opressão diante daqueles que não se enquadram. Importante refletir que as relações de poder são relativas. A dominação não é percebida como marca do masculino, mas aparece como um poder simbólico, invisível e naturalizado que implica em efeitos não somente as mulheres, mas também aos próprios homens que ocupam a posição de dominante.

A masculinidade e a orientação sexual

A associação do “ser homem” com a orientação sexual foi feita por todos os entrevistados, mas com abordagens distintas. Considera-se orientação sexual a capacidade de ter relações afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo ou oposto. As abordagens variam em três subgrupos: o homem é heterossexual; o homem pode ser homossexual, mas desde que desempenhe atributos de homem e não se comporte de forma feminina; e os que distinguem sexo, gênero e orientação sexual, na qual a identidade de gênero pertence ao indivíduo, de como ele se denomina.

O homem é homem se for heterossexual. O homem homossexual é colocado como “meio termo”, algo não compreendido. As explicações para a heteronormatividade é pautada nos discursos

biológicos, que naturalizam a heterossexualidade a partir do sexo, numa lógica determinista e também em explicações divididas.

Ser homem é uma pessoa que se sente atraído pelo outro sexo (V6).

Para mim existe homens e mulheres, não existe meio termo. Não discrimino, mas não estou de acordo de que um *gay* seja um homem. (V17).

Para mim homem para ser homem tem que gostar de mulher, Deus fez assim, então isto deve ser seguido. Acho que uma pessoa que gosta de outro homem, não é um homem verdadeiro, é um cara indeciso. Fisicamente é um homem, mas mentalmente não é um homem, ele tem vontade de ser mulher (C3).

Ser homem é um conjunto de responsabilidades e desejos, que no final das contas tudo leva você a mulheres. Desde pequenos fomos criados para idolatrar as mulheres, está arraigado lá no fundo da gente (C23).

A necessidade de demonstrar a masculinidade e a heterossexualidade pelos entrevistados foi percebida quando questionados se consideravam homens. Os de Viña del Mar predominantemente, responderam de forma imediata e sem alteração no tom de voz ou mudança postural, que sim “sou homem”. Quanto aos de Cuiabá, alguns também responderam de forma imediata e sem alteração comportamental, mas outros buscaram convicção pela fala, pelos gestos, pelo aumento do tom da voz, pela mudança postural na cadeira. As respostas eram permeadas com risadas, gestos e mudança no tom de voz, a fim de buscar uma afirmação como “homem”. Abaixo, os exemplos. As palavras em maiúsculo representam a mudança no timbre da voz pelos entrevistados. Verifica-se esta mudança, exclusivamente, nos cuiabanos.

Biologicamente sou um homem, mentalmente sou um homem e sim, sou um homem (V9).

CERTEZA! (C2).

LÓGICO! (C7).

OPA, COM CERTEZA! (C8).

Silva (2000) destaca que ser homem significa não ser mulher e muito menos ser homossexual. Ser homem está diretamente ligado a sua representação social, construída historicamente, evidenciada em sua forma de vestir, andar, de se comportar, da entonação de voz, de sua musculatura, agilidade, coragem, bravura, entre outras características que o colocam como gênero dominante.

Outra abordagem dada pelos entrevistados na relação gênero e orientação sexual evidencia a aceitação da homossexualidade, mas desde que o indivíduo desenvolva os papéis do gênero masculino, negando qualquer característica feminina, tida como inferior.

O normal é que homem goste de uma mulher, mas há homem que gosta de outro homem. Mas se o *gay* se comportar como homem em seu trabalho e não interferir no relacionamento com outras pessoas, não vejo problema em relação a ser homem. Tenho professores que são *gays*, cumprem seu trabalho e não temos nada haver com sua vida sexual (V9).

Para mim você não precisa gostar realmente de mulher para ser homem. Você tem que mostrar que é homem é nas atitudes, nas coisas que faz no dia-a-dia. Ser homem depende da atitude. O que adianta o homem ir lá e *comer* todas as mulheres do mundo, só que na verdade ele não faz suas obrigações, não é homem, é um moleque (C9).

Destaca-se o termo “normal” pelo V9, assumindo a homossexualidade como “anormal”. O termo “comer” possui sentido de realização de ato sexual. O termo “moleque” pode ser atribuído

aquele indivíduo que não cumpre suas responsabilidades, logo não pode ser visto como homem e logo não é merecedor do capital simbólico que lhe foi atribuído. Outra fala interessante foi a do estudante C13:

Acho que depende muito da atitude, a sociedade talvez acaba dizendo ‘ah, não é homem’, mas talvez tem uns que tem boa cabeça, sabe fazer as coisas certas, não tenho nada contra, mas eu sou homem, HOMEM mesmo tá?! (risadas).

Verifica-se na fala uma contradição. Ao mesmo tempo em que busca demonstrar ausência de discriminação, associando o ser homem a atitude, independente da orientação sexual, o entrevistado demonstra preocupação para não ser considerado homossexual. O julgamento sobre sua orientação sexual poderia colocar sua masculinidade, o seu *status quo*, ou o capital simbólico em risco. Ao assumir um discurso mais flexível, os estudantes foram alvo de risada de outros dois colegas. Esta preocupação aconteceu em grande parte dos entrevistados de Cuiabá.

Torrão Filho (2005) descreve que ser homem é reprimir a todo instante seu “lado feminino”, que é sempre a ameaça do homem, de sua masculinidade, de sua identidade enquanto gênero dominante. Os atributos femininos são positivos se encontrados em mulheres, mas desqualificam os homens que os possuem.

Neste sentido, aparece o reforço dos entrevistados em negar atributos femininos ou sinais de homossexualidade. Tem-se o masculino como uma dádiva, uma conquista, ou um capital simbólico adquirido. No entanto, capital que está constantemente ameaçado, sendo necessário esforço para não perdê-lo. Capital que determina a posição do indivíduo na estrutura social. Carregado de significados simbólicos de poder e superioridade. As falas mantêm o modelo hegemônico de que a masculinidade é centrada na heterossexualidade, o que colabora com Connell (1995) sobre tipos subordinados de masculinidade.

A fala do C7 demonstra a “rejeição” frente à homossexualidade e a do universitário C15 a relação com o biológico, com explicação pela genética.

Homens que gosta de homens, não são mais homens não, são uma cambada de *viados*. (C7).

Uns (homens) são homossexuais porque não foi a opção, às vezes, foi por causa da genética dele, um erro de genética (C15).

Na primeira fala percebe-se explicitamente a discriminação contra os homossexuais, considerados inferiores aos homens heterossexuais, além de arrogância e na expressão “cambada de viados”. A atribuição da homossexualidade a um erro genético demonstra a tentativa de se explicar algo que é considerado um desvio, patologia, que possui etiologia. Segundo Louro (2001) a ignorância da homossexualidade é constitutiva de um modo particular de conhecer a sexualidade.

Tem-se aqui, a representação da heteronormatividade, tanto pelo primeiro grupo, quanto pelo segundo, que constitui a maioria das duas amostras. De acordo com Judith Butler (2008) a construção social binária dos sexos, coloca padrões binários e fixos para o gênero que naturaliza e institucionaliza a heterossexualidade. A partir disto, temos uma concepção de gênero binário e oposicional, que não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere que o desejo reflita o gênero, e que o gênero reflita ou exprima o desejo.

Os achados referentes à relação da masculinidade com a orientação sexual, refletem a heterossexualidade compulsória e naturalizada que regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do feminino por meio das práticas heterossexuais. Neste sentido, Butler defende uma nova teoria – *Queer* – que contesta e critica essa heteronormatividade compulsória a fim

de romper a lógica binária que produz efeitos como, a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão. (Louro, 2001).

A quebra do determinismo entre sexo, gênero e orientação sexual também foi feita por um grupo dos entrevistados, grupo minoritário na amostra. A orientação sexual é como “opção” sexual do indivíduo, independente do sexo. Estes trazem falas que permitem diferenciar gênero e sexualidade, categorias relacionadas, construídas socialmente, mas específicas.

Para mim, a sexualidade é um sentimento de quando uma pessoa te completa. No meu caso, sou heterossexual, porque sinto completado por uma mulher, mas o caso do meu amigo, que é bissexual, sente-se completado por ambos os sexos, não tenho preconceito quanto a isto. Amor ou afinidade, não importa se é homem ou mulher, é algo seu, não tem porque ter preconceito, porque é uma opção própria (V1).

Os homossexuais são homens iguais, mas diante da sociedade, há outras definições. Para mim, há homens e mulheres e outras pessoas também (V11).

Ser homem não está ligado a opção sexual. Tanto o homem quanto as mulheres podem tomar qualquer via. A opção é da pessoa, depende de como a pessoa se sente. Se um homossexual se sente um homem, então ele é um homem (V16).

As falas exemplificam que novas representações sobre gênero e desejo estão sendo postas. Destaca-se que estas representações não foram enfatizadas pelos universitários cuiabanos. Mas, permite exemplificar o que a Teoria Queer evidencia no sentido de que a identidade de gênero é performativamente constituída pelas expressões tidas como resultados, com características flutuantes. (Butler, 2008).

4. Considerações finais

Descobrir um pouco mais do universo masculino foi fundamental para refletir como as estruturas da estratificação social de gênero estão sendo reproduzidas, pelo menos nos locais estudados. O intuito desta pesquisa foi analisar o significado da masculinidade a partir dos próprios homens em locais culturais diferentes, no sentido de realizar uma comparação. Os resultados denotam para um modelo vigente de masculinidade, mesmo com formas variadas de expressão.

Verificou-se que os estudantes de Viña del Mar fizeram maior relação ao biológico que os de Cuiabá, mas ambos os grupos percebem os mesmos atributos do ser homem: responsabilidade, respeito, integridade, objetividade, racionalidade, poder. O trabalho é tido como parte da identidade masculina, o que possibilita a afirmação de homem na sociedade e o provimento da família. A masculinidade relaciona-se com a heterossexualidade numa lógica binária dos gêneros e oposição entre os sexos, conformando-se com a masculinidade hegemônica e a heteronormatividade.

Tem-se a masculinidade como um capital simbólico herdado naturalmente, mas que deve ser constantemente afirmado e mantido. Esta afirmação dá-se pelo desenvolvimento de papéis ou atributos estabelecidos no campo da moral pelos homens e pela afirmação da heterossexualidade.

Compreender a desigualdade das relações de gênero e como são compreendidas, expressadas e praticadas pelos homens é fundamental para se construir um projeto a fim da igualdade social. Neste sentido, este estudo, não se limitou em apenas satisfazer uma curiosidade científica, mas adquiriu cunho social à medida que possibilita maior conhecimento sobre um tema complexo, de muitas hipóteses e ainda de poucas verificações. Além do cunho político, de maior visibilidade do tema e reflexões para construção de propostas e projetos a fim de superar práticas de dominação e poder em busca da igualdade de gênero e direitos.

Para isto é necessário a realização de outras pesquisas, ampliar o debate a fim de (re) conhecer as relações de poder que envolve as relações de gênero, da expressão da sexualidade, das relações de produção que promovem acessos desiguais de bens econômicos, sociais e culturais e rever o próprio conceito de cidadania. Além de compreender o sentido relacional de gênero e seu significado histórico, pois uma transformação só será possível, se atrelada ao debate de outras desigualdades e relações de poder e dominação existente na sociedade.

Referencias

- Bourdieu, P. (2010). *A dominação masculina*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Butler, J. (2008). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. (2 ed) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,.
- Citeli, M. T. (2001) Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. *Estudos feministas*. 131–145.
- Connell, R. W. (1995) Políticas da masculinidade. *Educação & realidade*, 20 (2), 185-206
- Heilborn, M. L. & Carrara, S. (1998). Em cena, os homens. *Estudos feministas, rio de janeiro*, 6 (2). 370-374.
- Giddens, A. (2005). *Sociologia*. 4 ed. Porto alegre: Artmed.
- Laqueur, T. W. (2001) *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Louro, G. L. (2001). Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. *Estudos feministas*. 541-552.
- Minayo, M. C. De s. (2010) *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12 ed. São paulo: Hucitec.
- Oliveira, P. P. De. (1998) Discursos sobre a masculinidade. *Revista estudos feministas. Ano 6, n. 1*, 91-112.
- Scott, J. (1995) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*. 20(2).71-99.
- Silva, S. G. De. (2000). Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicologia: ciência e profissão*. 20 (3). 8-15.
- Torrão Filho, A. (2005) Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cad. Pagu*. 127-152.
- Welzer- Lang, D. (2004). Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. En. Schpun, M. R. (org.). *Masculinidades*. São Paulo: Bomtempo editorial. 107-128.